

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N2

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.2, Maio 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 2 (Maio 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

48p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/60d09ac1a9539553336be772>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 31/05/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O

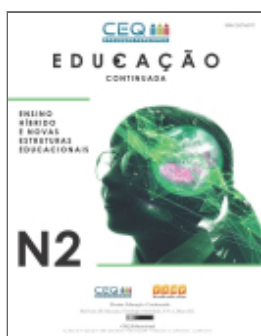


CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

EDUCAÇÃO CONTINUADA

SUMÁRIO



3(2), 2021 Maio (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-12

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Joyce R. Corrêa Iacovantuono

[PDF](#)

p.13-22

JOGOS DENTRO DA ESCOLA

Diana Macedo da Silva

[PDF](#)

ENSAIO

p.23-32

CONCEITUANDO ARTES VISUAIS

Cicera Gutierrez Figueiredo

[PDF](#)

p.33-40

A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NO BRASIL

Cicera Gutierrez Figueiredo

[PDF](#)

p.41-48

A FOTOGRAFIA COMO ARTE BRASILEIRA

Cicera Gutierrez Figueiredo

[PDF](#)

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Autora: Joyce R. Corrêa Iacovantuono

RESUMO: O presente artigo tem a proposta de discutir a influência dos contos de fadas no desenvolvimento infantil, sobretudo sob o viés da psicanálise. A partir de leituras pertinentes ao tema, apontam-se alguns aspectos, de forma sucinta, da contribuição evidente dos contos de fadas no desenvolvimento infantil, em diversas acepções: psicossocial, afetivo, criativo, cognitivo, linguístico, bem como a sua aplicabilidade na educação infantil, tanto em âmbito escolar como familiar. Pretende analisar ainda, a origem dos contos de fadas e indagar o provável motivo das crianças, em sua maioria, preferirem os contos de fadas às outras modalidades de textos infantis.

Palavras-chave: contos de fadas; desenvolvimento; criança; psicanálise.

INTRODUÇÃO

Apesar dos contos de fadas estarem presentes no universo infantil há muito tempo, pouco se discute sobre a sua importância para o desenvolvimento infantil, principalmente em relação à psicanálise. As histórias são transmitidas através das gerações, com o intuito de entretenimento, sem questionamentos ou qualquer embasamento científico por parte da maioria dos educadores.

Não se pergunta como cada história pode contribuir com o desenvolvimento da criança. Quais aspectos intrínsecos de cada conto influenciam na superação de conflitos, na criatividade. Quais emoções podem ser afloradas de forma individualizada, de acordo com cada faixa etária, contexto social, dentre outras inquiuições.

Com base nas obras de Bruno Bettelheim, Celso

Gutfreind e outras leituras concernentes ao tema estudado, buscou-se compreender o contexto histórico dos contos de fadas, suas características mais relevantes favoráveis ao desenvolvimento infantil e a importância do aprimoramento de pesquisas a fim de trabalhar melhor cada conto, de forma didática, explorando suas potencialidades, seu efeito positivo em cada criança. Ademais, entender como os contos de fadas fascinam as crianças, de modo geral.

Isto posto, averiguar de que forma os contos podem contribuir com o desenvolvimento social, psicológico, emocional e oral das crianças, principalmente na primeira e na segunda infância, e inquirir sobre a importância que estes trazem ao vivenciarem seu cotidiano doméstico e escolar, bem como na sua estruturação moral e ética, em seus valores.

Além dos benefícios afetivos as histórias trazem benefícios linguísticos e cognitivos como: sensibilização da imaginação, expansão do vocabulário, desenvolvimento do pensamento crítico, gosto pela leitura e refino da escuta e da fala.

Diante disso, o objetivo do presente estudo é salientar o valor dos contos de fadas na infância, especialmente sob a ótica da psicanálise, de forma a levantar questionamentos e permitir que a leitura dos contos de fadas possa ser significativa, despertando sentimentos, emoções positivas e contribuindo para o desenvolvimento infantil.

ORIGEM E TRAJETÓRIA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos infantis mais conhecidos foram elaborados há muito tempo, mais precisamente na Idade Média, com a intenção de entretenimento de adultos. As histórias contadas possuíam certas doses de violência, exibicionismo, estupro ou canibalismo.

Após muito tempo, houve necessidade de ajustes às histórias para que pudessem ser narradas pelas mães, “cuidadoras” às crianças. “[...] vê-se que os contos foram concebidos por adultos e para adultos, e foi preciso esperar muito para se endereçarem às crianças, ou seja, no século XVI, na França [...]”, (GUTFREIND, 2003, p. 25).

Os contos mais modernos devem a sua origem ao escritor francês Charles Perrault. O autor recupera contos populares esquecidos e os apresenta em versões contemporâneas, com estilo simples e o objetivo de entreter as crianças.

Além disso, seus contos apresentavam mensagens de moral explícita, com ensinamentos de valores e princípios éticos. Seus personagens eram figuras humildes como: lenhadores, serviçais, damas e cavalheiros, ambientados em lindas paisagens francesas.

Apesar de críticas, pelos seguidores do iluminismo, seus contos ganharam projeção na literatura internacional e deixaram de ser apenas narrativas orais.

Assim como na França, na Alemanha os pedagogos do iluminismo denegriam a imagem dos contos de fadas, alegando que eram histórias contadas por mulheres ignorantes, desprovidas de intelecto e que afastavam as crianças da realidade.

No entanto, encorajados por um espírito de nacionalismo romântico, presente na época, influenciando a literatura infantil, os irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) compilaram contos de fadas alemães a partir de histórias contadas por amigos, familiares e aldeões.

Sendo assim, em meados do século XVIII, a literatura infantil renova-se e os contos de fadas passam a ser vistos como essenciais na transmissão de lições morais às crianças, sendo inclusive incluídos nos programas escolares.

Contudo, as controvérsias em torno dos contos de fadas marcam a literatura infantil do século XIX: de um os defensores, ao afirmarem o valor dos contos na educação já que despertam o interesse pela leitura; de outro, os que criticam o caráter fantasioso das narrativas, que deturpa a realidade.

No entanto, estas divergências não impediram por volta de 1846, os contos de Hans Christian Andersen fossem traduzidos para o inglês e se popularizassem por toda a Europa. Andersen foi considerado por muitos o mestre na arte dos contos de fadas. Suas histórias continham aspectos adaptáveis às diversas culturas.

No século XX, alguns psicólogos, tais como Sigmund

Freud, Carl Jung e Bruno Bettelheim atribuem outros elementos na interpretação dos contos de fadas, como manifestações de desejos e medos. Os contos de fadas e/ou contos maravilhosos contêm narrativas populares folclóricas que apresentam uma mistura do real com a fantasia;

Convém comentar, num aparte, a influência religiosa na composição dos contos de fadas, já que a maior parte dos contos foi elaborada em épocas de grande apelo religioso, conforme Bettelheim (2002, p. 14): *“A maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim, eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”*.

Com relação ao Brasil, os contos infantis foram apresentados com as obras de Carlos Jensen, Figueiredo Pimentel, Coelho Neto, Olavo Bilac, Tales de Andrade e principalmente, Monteiro Lobato.

Porém, apenas com a psicanálise, os contos passaram a ser estudados de forma mais aprofundada, científica, utilizados em métodos terapêuticos. De acordo com Gutfreind (2003, p.27): *“No uso terapêutico do conto existem maneiras de agrupar os estudos recentes, traduzindo diversas tendências[...]”*.

Sendo assim, os contos sempre exerceram papel importante no desenvolvimento infantil, mesmo antes de abordados sob a ótica da psicanálise, conforme a análise sucinta do contexto histórico em que estão inseridos, como reforça Gutfreind (2003, p. 110):

Todas essas ideias frisam o valor dos contos na vida psíquica da criança. Eles surgiram antes dos conceitos de psicopatologia e psicanálise, e sua função terapêutica parece existir há séculos de forma empírica. As relações entre conto e vida psíquica, como Freud já havia assinalado, mostram-se abertas, intensas e, muitas delas, bastante criativas [...]

A NECESSIDADE INFANTIL DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas fascinam as crianças porque apresentam a “realidade” com leveza, com fantasia, permitindo que os dilemas da vida sejam solucionados com criatividade, imaginação, de acordo com a visão de mundodelas.

Através dos contos, as crianças podem reinventar a realidade, tão assustadora e incompreensível para elas, ou explicada pelos pais e professores de forma tão racional, com respostas taxativas para as suas indagações. Conforme Bettelheim (2002, p. 47):

O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida que o mundo aí apresentada está de acordo com a sua

As crianças estão sempre em busca de repostas : a vida, sua existência, sobre o futuro; Tais questionamentos são elaborados sob uma visão egocêntrica, própria delas ajustam a realidade a fim de enfrentá-la.

Elas sentem medo porque não compreendem a realidade, a explicação científica, tão objetiva, para os problemas existenciais. Muitas vezes desconfiam de tais explicações, por não aceitarem consequências ruins às ações e fatos vivenciados.

Os contos de fadas dão a esperança de que a realidade pode ser diferente e os “heróis” podem sim mudar o que está ruim, podem apresentar soluções para qualquer adversidade, e melhor, de acordo com a imaginação delas.

Através deles, as crianças podem compreender melhor sentimentos difíceis como: inveja, ciúmes, angústia, frustração, raiva; pois ao se identificarem com as personagens, projetam os sentimentos às personagens.

Podem sentir raiva da bruxa malvada e medo do lobo. Identificam-se com as fadas, princesas e heróis.

Nesse sentido, com os contos de fadas, as crianças sonham e seus sonhos podem ser realizados. Os sentimentos e pensamentos confusos são enfrentados, derrotados, assim como os vilões são destruídos ou afugentados.

O “feliz para sempre” denota esperança, mostra que tudo pode dar certo e ter um final, mas que deve haver um enfrentamento às diversidades impostas pela vida. A fantasia permite isso.

Diante disso, o universo fantasioso dos contos permite a externalização de desejos, sentimentos e emoções, inconscientes, particulares, escondidas.

De acordo com Abramovich (2006, p. 120):

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... (...) Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias” (apud PEREIRA, 2012?)

Convém ressaltar que as crianças apreciam a repetição frequente dos contos de fadas. Isto porque, num primeiro momento não compreendem plenamente alguns significados, ou para consolidar a emoção vivenciada, prazerosa, sentida em determinada estória.

A repetição permite também, o domínio da estória, de seus detalhes, a segurança de preverem o desfecho, diferente da vida, cheia de incertezas e imprevisível.

Ou seja, as bruxas malvadas sempre serão derrotadas pelas fadas bondosas, num final “perfeito”, amplamente

conhecido e dominado, moldado pela imaginação infantil. Com isso, a repetição intensifica sensações acolhedoras e ameniza conflitos internos.

Conforme Bettelhein (2002, p. 61):

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

Outro ponto relevante a ser observado, é sobre a expressão “era uma vez”, e outras semelhantes, que possibilitam às crianças afastarem-se da realidade, muitas vezes cruel, já que as estórias acontecem num mundo imaginário, longínquo e num tempo indeterminado.

Tal preposição exclui o fato de determinada coisa ter realmente acontecido ou ter acontecido próximo à realidade daquela criança que a ouve. Assim, ela fica para usar a imaginação e para reinventar sua própria realidade psíquica.

"Era uma vez", "Num certo país", "Há mil anos atrás", "Numa época em que os animais ainda falavam", "Era uma vez, num velho castelo no meio de uma floresta densa e grande" - estes inícios sugerem que o que se segue não pertence ao aqui e agora que nós conhecemos. Esta indefinição deliberada do início dos contos simboliza que estamos deixando o mundo concreto da realidade comum. Os velhos castelos, cavernas escuras, quartos trancados onde a pessoa é proibida de entrar, florestas impenetráveis, tudo sugere que alguma coisa normalmente escondida será revelada, enquanto o "Há muito tempo atrás" implica que vamos tomar conhecimento de fatos mais longínquos (BETTELHEIN, 2002, P. 65).

Outro fator preponderante a ser analisado, é a linguagem simbólica, cheia de metáforas, presente nos contos de fadas, que afasta o medo e aproxima as crianças das personagens e do enredo, atenuando a realidade.

Tal simbolismo permite às crianças, trabalhar suas emoções de forma indireta, como se estivessem brincando de faz de conta. Elas identificam-se com as personagens, de acordo com os seus sentimentos e conflitos, enchendo-se de coragem para superarem os “vilões”, ou seja, suas angústias, seus medos.

Talvez por afastar o medo, os contos de fadas são contados à noite, como comenta, em sua obra, Oliveira (2009, p. 34):

Por que as crianças gostam que lhes contem histórias à noite, ou, ainda, por que as sociedades primitivas reuniam-se à noite para ouvir histórias ao redor de uma fogueira? Além do caráter ritual e sagrado, à noite as defesas psíquicas diminuem e é possível sentir medo. Um medo que também gera prazer porque pode ser controlado. Ao dominar e controlar o medo, é possível exercitar os próprios impulsos.

Ainda nesse sentido, é como se os contos de fadas levassem as crianças a uma viagem cheia de fantasias, seres mágicos e cenários insólitos, com personagens “parecidos” com elas, familiares e amigos, e depois as trouxessem de volta à realidade.

Os contos de fadas também atenuam as frustrações infantis, tão presentes, tão comuns. A fantasia permite às crianças, força para atos, impossíveis na realidade. Elas podem ser heroínas que derrotam dragões e bruxas, fazer magia com varinhas e vencer.

Quando “voltam”, estão fortalecidas, enriquecidas pela imaginação, felizes por terem enfrentado o medo e “alimentado” suas emoções.

Convém ressaltar, num aparte, que esta “viagem” fantástica, também pode ser muito benéfica aos adultos:

novelas, séries, filmes e obras fictícias permitem um acolhimento necessário diante da realidade dolorosa da vida. A emoção toma o lugar da razão por um tempo e depois tudo volta ao “normal”.

Quando nós, adultos, entramos em um cinema, ao se apagarem as luzes não questionamos se o filme é real ou não. Embarcamos nessa viagem e identificamo-nos com os personagens, rindo ou chorando. Quando as luzes se acendem, nos recompomos, obrigados a abandonar, pelo menos em parte, o estado emocional que vivenciamos no contexto do filme (OLIVEIRA, 2009, p. 25).

Sendo assim, é indiscutível, sob uma análise psíquica, o fascínio que os contos de fadas exercem sobre as crianças, permitindo a integração entre a realidade e a fantasia, numa “ponte” tênue, que afasta ameaças, medos, decepções.

As crianças imaginam situações irreais e aprendem a lidar com as incertezas da vida, nesse mundo imaginário. Quando se deparam com a realidade, esta parece ser ameaçadora, como se as fadas das histórias estivessem algum lugar, prontas para ajudá-las.

Mas essa “confusão” entre realidade e fantasia atrapalha, apenas fortalece, ensina: *“Só as esperanças e fantasias exageradas acerca de realizações futuras podem equilibrar os modos de modo a criança poder prosseguir vivendo e lutando”* (BETTLHEIN, 2002, P. 137).

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ainda que já analisados os aspectos positivos dos contos de fadas em relação às emoções das crianças, surgem alguns questionamentos sobre como os contos de fadas devem ser trabalhados para contribuir efetivamente com o desenvolvimento infantil.

As crianças, em sua maioria, conhecem os contos infantis, no âmbito familiar, como meio de entretenimento,

contudo, nem sempre encontram adultos atenciosos que possam recontá-los e valorizá-los.

Além disso, nas escolas, muitas vezes, os contos de fadas são substituídos por histórias mais objetivas, menos lúdicas, com o intuito de informar e alfabetizar, e não aproveitados em sua totalidade, como recurso pedagógico.

No âmbito escolar, por exemplo, uma história pode despertar o interesse pelas palavras, ajudar no processo de aquisição da leitura, da oralidade, no desenvolvimento cognitivo, e ao mesmo tempo, trabalhar emoções e conflitos.

Na escola, o educador se depara com várias realidades fáticas: crianças com necessidades especiais, ansiedade de separação, bullying, assédio, dentre outros, e a partir do universo fantasioso dos contos, muitas emoções são exteriorizadas. As crianças sentem-se encorajadas a exporem, ainda que de forma inconsciente, seus sofrimentos.

Por falarem de sentimentos como: ódio, inveja, ambição, rejeição e frustrações, é que os contos se tornam um instrumento facilitador na mediação entre orientador e orientando, pois é através deles, que o profissional consegue descobrir com mais facilidade o que se passa na cabeça e no coração de cada criança, causando um impacto em seu psiquismo, por tratar de experiências vividas em seu cotidiano, fazendo que eles se identifiquem com os personagens do enredo (PEREIRA, 2012?)

Nesse viés, o educador pode trabalhar valores éticos e ajudar as crianças a encontrarem respostas para muitas dúvidas e incertezas. Por exemplo, na história da Chapeuzinho Vermelho, valores como respeito e obediência; em Branca de Neve, abordar a vaidade e a inveja, também a solidariedade.

O educador pode contar e recontar histórias, aflorar a imaginação das crianças, apresentar um mundo onde os problemas são resolvidos. Enquanto isso, observa e apreende, de forma sutil, as vivências e particularidades de cada criança.

Além de contar as histórias, pode trabalhá-las através de desenhos, pintura, teatros, música. Assim, cada criança

tem a oportunidade de expressar seus sentimentos e de mostrar sua visão de mundo, a partir das fantasias, na arte.

Em conformidade com este ponto de vista, Oliveira (2009, p. 4) cita Freud: “*Segundo Freud, o artista busca sua própria liberação através de sua obra. Em uma comunicação que estabelece com seu interlocutor, ele consegue realizar seus desejos insatisfeitos, assim como aquele a quem dirige seu trabalho.*”

Por conseguinte, o educador “descobre” angústias, medos, emoções e até alegrias. Consegue compreender certos comportamentos negativos e até habilidades e qualidades.

Assim, as crianças podem ser compreendidas, “vistas” e conseguem desenvolver a criatividade, o senso crítico, a oralidade; ampliar o vocabulário, aprender a ler ou aprimorar a leitura; apreender valores, trabalhar emoções e até descobrir habilidades motoras, encara nesse processo.

Ademais, os contos de fadas podem ser utilizados como mediadores em psicoterapias, em diversas abordagens. Também aqui, os contos ajudam na identificação de emoções reprimidas pelas crianças.

A linguagem figurada e lúdica propicia interação entre o terapeuta e criança, que evidencia o que sente, inconscientemente, sem medo ou vergonha. Enquanto fala da “madrasta”, pode estar transmitindo mensagens de seu relacionamento familiar, por exemplo.

Convém destacar a utilização dos contos de fadas na medicina, num processo terapêutico para ajudar crianças doentes a lidar com a fragilidade em que se encontram, como relatou Gutfreind (2003, p. 33):

Mesmo em medicina geral, o conto tem encontrado o seu lugar [...] mostraram a utilidade das histórias em psicoterapia de apoio feita em grupo, com o objetivo de ajudar as crianças portadoras de câncer a resolverem seus conflitos psicológicos relacionados à doença [...] a força dos contos para as crianças, de 5 a 10 anos no caso, dominarem pela fantasia, uma situação difícil, permitindo-lhes a expressão catártica, de sentimentos de desespero, cólera e medo.

Ainda de acordo com estudos analisados pelo psicanalista citado anteriormente, Gutfreind (2003), crianças com experiências de separação e carentes de vínculo afetivo, têm muita dificuldade de verbalizarem a angústia que sentem, e através dos contos de fadas, podem encontrar meios de comunicação, de mostrarem o que sentem, simbolicamente.

O mediador precisa interagir com estas crianças com sutileza, empatia, despertando, aos poucos, o interesse por determinado conto, estimulando a construção de sinais que exprimam emoções.

A título de exemplo, Anne que tinha 5 anos e uma história pesada de abandono [...] depois de muitas sessões em que o silêncio era acompanhado de um olhar vazio, foi se capacitando graças a uma aproximação com sua educadora durante a escuta do conto, a trocar olhares com ela e com o contador, além de fazer verbalizações (associativas) em relação às histórias [...] (GUTFREIND, 2003, p. 92).

Dessa forma, o simbolismo contido nas histórias, à medida que vão “participando” desse mundo fantasioso, ajuda as crianças a representarem suas próprias realidades, por exemplo, ao demonstrarem amor ou ódio por determinada personagem, medo ou angústia em relação à outra.

Além disso, é imprescindível ambientes lúdicos e acolhedores, para “trabalhar” os contos de fadas na psicoterapia infantil, a fim de que as crianças expressem com calma e liberdade, suas impressões e sentimentos.

Uma das formas que o conto pode ajudar a criança reside na abertura [...] de um espaço lúdico de criação [...] ou seja, um espaço criado a partir das atividades lúdicas, imagens e ilusões, onde a criança pode brincar, inventar, criar, imaginar e também se refugiar nos momentos mais difíceis, em vez de escolher a via da sintomatologia e da doença. (GUTFREIND, 2003, p. 98)

Mas o primeiro contato das crianças com os contos de fadas geralmente é muito cedo, com os pais ou outros familiares bem próximos. Surge como entretenimento, pois não se discute muito sobre a importância das histórias na infância.

O que se sabe é que as histórias acalmam, fazem bem. Principalmente quando as crianças percebem que podem ter alguma autonomia e estão crescendo. Sentem, inconscientemente, que precisam crescer e que têm vontade própria, diferente dos pais.

Mas crianças esperam muito dos pais e os idealizam como perfeitos até certo momento. São eles que dão todo o suporte emocional e que cuidam de suas primeiras necessidades.

E quando essa necessidade de autonomia surge, percebem que os pais não são tão perfeitos assim e decepcionam-se. Eis que aparece um paradoxo: querem desvendar o mundo sem os pais, mas têm limitações e angustiam-se, como comenta Bettelheim (2002, p. 137):

[...] os novos desafios apresentados à criança por suas experiências mais amplas são tão esmagadores, e sua capacidade de efetuar estas coisas novas e possibilidade de resolver os problemas suscitados por seus passos em direção à independência são tão pequenas, que ela necessita recorrer à fantasia como satisfação, para não ceder ao desespero.

Além disso, as crianças são curiosas e muitas respostas são incertas, insatisfatórias, o que torna a fantasia uma forma de discutir certos assuntos, desvendar mistérios do mundo dos adultos, de forma simbólica.

Em muitos contos de fadas, esses enigmas infantis são apresentados de forma simbólica. Através da fantasia, essas narrativas tratam de temas comuns e reais para as crianças. Como foi mostrado, muitas delas não recebem respostas satisfatórias a suas perguntas mais essenciais. De forma poética, os

contos de fadas fornecem elementos para responder a essas perguntas (OLIVEIRA, 2009, p. 28).

Enfim, a fantasia está presente e se faz necessária para o crescimento e desenvolvimento saudáveis das crianças, podendo ser explorada através dos contos de fadas, nas relações familiares, na escola e até na psicoterapia.

Mas será que pais e educadores, em sua maioria, têm consciência da importância dos contos de fadas para o desenvolvimento das crianças?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, fica evidente a relevância dos contos de fadas e sua contribuição para o desenvolvimento infantil, contudo, ainda são pouco explorados com esta finalidade, e sim para divertir, entreter as crianças.

É inegável que as histórias devam entreter para aguçar a curiosidade das crianças e despertar seu interesse, porém, precisam mais do que isso: instigar a imaginação e estarem em sintonia com as emoções infantis.

Evidentemente, os contos de fadas cumprem esta função, porque vão ao encontro das expectativas das crianças, oferecem respostas e soluções, desafios e aventuras. Sonhos, fantasia. Porque encantam.

Encantam porque transmitem às crianças que as dificuldades da vida são inevitáveis, entretanto, é possível enfrentá-las e vencer. Assim como nas histórias, a maldade existe na vida, mas pode ser derrotada.

Com efeito, as histórias encorajam as crianças que se identificam com personagens, como se participassem de uma viagem para um mundo imaginário de fadas, bruxas e dragões, vivenciando aventuras previsíveis, controladas por elas. Nesse mundo, sentem medo, raiva, sofrem injustiças, mas sabem como agir para terem um final feliz.

Quando “voltam”, sabem que têm que enfrentar dilemas: alguma enfermidade, a separação dos pais, o

nascimento de um irmão, a mudança de cidade, a perda do animalzinho de estimação ou de “outro” familiar...

Contudo experimentou emoções no mundo da fantasia e teve a oportunidade de aprender com elas. Voltou fortalecida: “o conto de fadas termina com a volta do herói ou com sua devolução ao mundo real, muito mais capaz de dominar a vida” (BETTELHEIN, 2002, p. 66).

Contos de fadas, nesse contexto, são como escape diante das pressões que a vida impõe. Até mesmo os adultos buscam a fantasia quando vão ao cinema, teatro ou jogam videogame e outros tipos de jogos. Enquanto assistem ou jogam, vivenciam sentimentos diversos e intensos, como se fizessem parte daquela estória.

Mas, por que muitos pais e educadores negligenciam a importância significativa dos contos de fadas, impondo narrativas cheias de conteúdo informativo, numa preocupação excessiva com a alfabetização, com a ciência?

Talvez porque também não tiveram contato, de forma efetiva, com o universo rico dos contos de fadas. Não externalizaram sentimentos, nem alcançaram estabilidade emocional. Reprimiram o inconsciente. Não tiveram quem contasse estórias e os permitissem sonhar.

Ou talvez por desconhecerem a importância do assunto ou discordarem da presente análise.

Ainda assim, a psicanálise direciona entendimentos sobre o assunto, oferecendo respostas esclarecedoras: “A psicanálise foi criada para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela” (FREUD apud BETTELHEIN, 2002, p. 09).

Diante disso, a contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento infantil é irrefutável. Além de divertirem, fascinam, ensinam, emocionam, encorajam. Assim, as crianças desenvolvem habilidades, criatividade, cognição. Crescem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 Ed. Editora Paz e Terra, 2002.

GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lúcia. **(Im) pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa** [online]. São Paulo: Editora Unesp: Cultura Acadêmica, 2009.

PEREIRA, Luciana Ferreira. **A Contribuição dos Contos de Fadas na Prática Pedagógica do Orientador Educacional**. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <https://monografiasbrasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-dos-contos-fadas-na-pratica-pedagogica-orientador-educacional.htm> - Acesso em: 15 jul. 2019.